

*Um Estranho
Irresistível*

OS RAVENELS 4

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO

Um estranho,
IRRESISTÍVEL

*Para Greg,
a batida do meu coração.*

CAPÍTULO 1

Londres

Verão de 1876

Alguém a seguia.

A desagradável percepção fez algo subir até a nuca de Garrett, deixando-a arrepiada. Ultimamente, a sensação de ser observada era comum sempre que fazia sua visita semanal à enfermaria do abrigo para necessitados. Até aquele momento, nenhuma evidência justificara o desconforto – nenhum vulto de alguém atrás dela, nem som de passos –, mas ainda assim ela conseguia *senti-lo* em algum lugar próximo.

Levando sua valise de médica na mão direita e um bastão de caminhada de castanheiro na outra, Garrett seguia a passos rápidos e absorvia cada detalhe ao redor. Clerkenwell, no East London, não era uma região que permitia descuidos. Felizmente, ela estava a apenas duas quadras da nova rua principal, onde poderia pegar um coche de aluguel.

Quando Garrett passou por cima das gretas de pavimentação que cobriam o Fleet Ditch, vapores insalubres fizeram seus olhos lacrimejar. Ela teria gostado de cobrir a boca e o nariz com um lenço perfumado, mas não era algo que um morador da vizinhança faria, e Garrett queria se misturar às pessoas.

As paredes dos cortiços eram pretas de fuligem, bem coladas umas nas outras como dentes e assustadoramente silenciosas. A maioria dos prédios dilapidados havia sido condenada e fechada, em virtude de um novo loteamento. Pouco se via do brilho dos postes em cada extremidade da rua em virtude da névoa do verão recém-chegado, que quase obscurecia a lua de sangue. Logo a costumeira variedade de ambulantes, batedores de carteira, bêbados e prostitutas surgiria para ocupar as ruas. Garrett pretendia já estar bem longe quando isso acontecesse.

No entanto, o passo dela vacilou quando algumas figuras emergiram dos vapores fétidos e da penumbra. Um trio de soldados de folga, embora ainda fardados, rindo alto e avançando na direção dela. Garrett atravessou a

rua e se manteve nas sombras, mas era tarde demais: um deles já vinha ao seu encontro.

– Isso é que é sorte – exclamou ele para os companheiros. – Uma perda para animar a nossa noite.

Garrett o examinou friamente, segurando com mais força o cabo curvo do bastão. Os três obviamente estavam embriagados. Sem dúvida haviam passado o dia na taverna. Havia poucas diversões para ocupar soldados rasos em suas horas de folga.

O coração de Garrett acelerava à medida que se aproximavam.

– Com licença, cavalheiros – disse ela com determinação, atravessando de novo a rua.

Mais uma vez eles a bloquearam, gargalhando e trocando as pernas.

– Fala como uma dama – observou o mais novo do trio, sem chapéu e com os cachos ruivos desalinhados.

– Ela não é uma dama – disse outro, um homem parrudo, de feições serenas e desagradáveis, sem o paletó de patrulheiro. – Não se anda sozinha por aqui quando a noite chega. – Ele lançou a Garrett um sorriso malicioso, de dentes amarelos. – Chegue ali perto do muro e levante as saias, belezinha. Estou a fim de me divertir com uma prostitutazinha barata.

– Engano seu – disse Garrett brevemente, tentando dar a volta ao redor do grupo, novamente sem sucesso. – Não sou prostituta. Mas há bordéis aqui perto onde vocês podem pagar por esses serviços.

– Mas eu não quero pagar – disse o homem parrudo em tom grosseiro. – Quero de graça. *Agora.*

Certamente não era a primeira ocasião que Garrett era insultada ou ameaçada ao visitar as áreas mais pobres de Londres. Ela havia treinado com um mestre de esgrima para se defender contra esse tipo de situação. Mas, exausta depois de atender a mais de vinte pacientes, ser confrontada por um trio de brutamontes quando tudo o que queria era ir para casa a deixou furiosa.

– Como soldados a serviço de Sua Majestade – comentou Garrett acidamente –, já ocorreu a vocês que seu dever sagrado é *proteger* a honra de uma mulher em vez de violá-la?

Para desgosto de Garrett, a pergunta provocou gargalhadas em vez de vergonha.

– Acho que ela precisa de uma boa surra de vara – comentou o terceiro

homem, um sujeito corpulento, de aparência grosseira, com pálpebras pesadas e um rosto marcado por espinhas.

– Ela pode montar na minha vara – ofereceu o mais jovem, esfregando a virilha e apertando o tecido da calça para mostrar o formato do membro rígido.

O homem de rosto fino e cruel sorriu para Garrett com uma expressão ameaçadora.

– Para o muro, minha cara dama. Prostituta ou não, vamos usar você hoje.

O soldado corpulento puxou uma faca baioneta da bainha no cinto e levantou-a para mostrar a lâmina serrilhada.

– Vamos logo, ou vou trincar você feito um porco.

Garrett sentiu o estômago embrulhar.

– Empunhar uma arma enquanto está de folga é ilegal – observou friamente, a pulsação acelerada. – Isso, somado aos crimes de embriaguez em público e estupro, vai garantir várias chicotadas e pelo menos dez anos de cadeia aos senhores.

– Então quem sabe eu corte a sua língua, assim você não vai contar a ninguém – zombou ele.

Garrett não duvidava da ameaça. Como filha de um ex-policial, ela sabia que, se o homem sacara uma faca, provavelmente iria usá-la. Garrett já havia suturado muitas vezes o rosto ou a testa de alguma mulher cujo estuprador quisera dar “algo para se lembrar de mim.”

– Gordo – adiantou-se o homem mais novo –, não é preciso aterrorizar a pobre coitada, hum? – Ele se virou para Garrett e acrescentou: – Mas é melhor você não tentar fugir. Vai ser mais fácil se não lutar.

Tirando forças de uma onda de raiva, Garrett se lembrou do conselho do pai sobre como lidar com um confronto físico. *Mantenha distância. Evite ser cercada. Converse e distraia o oponente enquanto escolhe o momento certo.*

– Por que forçar uma mulher que não está disposta? – perguntou, pousoando cuidadosamente a valise no chão. – Se for por falta de dinheiro, tenho aqui alguns xelins que vocês podem usar para ir ao bordel.

Então, discretamente, Garrett colocou a mão no bolso externo da valise, onde mantinha os bisturis guardados em um estojo de couro. Os dedos se fecharam ao redor de um bisturi fino, que ela escondeu habilmente enquanto erguia o corpo. O peso delicado e familiar do instrumento a tranquilizou.

Pela visão periférica, Garrett viu que o soldado robusto, com a faca baioneta, circulava ao seu redor.

Ao mesmo tempo, o homem de rosto fino e cruel começou a se aproximar.

– Vamos aceitar os xelins – garantiu ele. – Mas primeiro vamos usar você.

Garrett ajustou sua pegada no bisturi – pousou o polegar no lado achatado do instrumento e a ponta do indicador ao longo da base da lâmina. *Que tal usar isso aqui?*, pensou. Ela afastou a mão para trás, ergueu o braço em um movimento pendular e manteve o pulso firme para que o bisturi girasse em sua mão ao lançá-lo. A lâmina curta e afiada acertou em cheio o rosto do homem. Surpreso e furioso, ele rugiu e ficou imóvel. Ainda em ação, Garrett se aproximou do soldado que empunhava a faca baioneta. Brandindo o bastão em um golpe horizontal, acertou o pulso direito dele. Também pego de surpresa, o homem gritou de dor e deixou cair a arma. Garrett acertou mais um golpe, agora por trás, atingindo a lateral esquerda do corpo dele, e ouviu uma costela se quebrar. Bateu com a ponta do bastão entre as pernas do sujeito, que curvou-se ao meio, e finalizou com um golpe de baixo para cima, no queixo.

O homem afundou no chão como um suflê mal cozido.

Garrett alcançou a baioneta e virou-se para encarar o outro soldado, mas só lhe restou ficar paralisada de surpresa, a respiração muito acelerada.

A rua estava em silêncio.

O outro homem estava no chão.

Seria um truque? Ele estaria fingindo estar inconsciente para atraí-la mais para perto?

Com o corpo ainda trêmulo, Garrett era pura adrenalina. Demorou a reconhecer que o perigo havia passado. Lentamente, arriscou a se aproximar para olhar mais de perto, tomando o cuidado de ficar fora do alcance dos braços. Embora o bisturi tivesse aberto um talho no rosto do primeiro homem, aquilo não seria o bastante para deixá-lo inconsciente. Uma marca vermelha em sua têmpora parecia resultado de uma pancada forte.

A atenção de Garrett se voltou para o terceiro soldado. O nariz do homem, que quase com certeza estava quebrado, pingava sangue.

– Mas que diabo...? – murmurou Garrett.

Ela olhou de um lado para o outro na rua silenciosa. E teve de novo aquela sensação, um formigamento avisando que havia alguém ali. *Tinha* que haver. Obviamente o terceiro soldado não havia nocauteado a si próprio.

– Saia de onde está, apareça – disse em voz alta para a presença invisível, mesmo se sentindo um pouco tola. – Não precisa se esconder como um rato atrás do armário. Sei que você está me seguindo há semanas.

Uma voz masculina veio de uma direção que Garrett não conseguiu detectar, e ela quase deu um pulo.

– Só às terças-feiras.

Garrett girou o corpo rapidamente e olhou ao redor. Ao ver um vulto na porta de um dos cortiços, segurou com mais força o punho da faca baioneta.

Um estranho emergiu das sombras, a escuridão fria tomando a forma de um homem. Era alto, bem proporcionado e atlético. Usava uma camisa lisa, calça cinza e um colete aberto. O sujeito, que usava boina de aba curta, ao estilo dos estivadores, tirou-a quando estava a poucos metros de Garrett. O cabelo era escuro, liso e curto.

Ela ficou boquiaberta ao reconhecê-lo.

– O senhor de novo – exclamou.

– Dra. Gibson – disse o homem, dando um breve aceno de cabeça e recolocando a boina. Ele manteve os dedos na aba por um ou dois segundos além do necessário, em um gesto deliberado de respeito.

Garrett encontrara aquele homem, Ethan Ransom, investigador da Scotland Yard, em duas ocasiões anteriores, a primeira quase dois anos antes, quando acompanhara Lady Helen Winterborne em uma missão em uma área perigosa de Londres. Para profunda irritação de Garrett, Ransom fora contratado pelo marido de Lady Helen para acompanhá-las.

No mês anterior, Garrett voltara a encontrar Ransom, quando ele visitara a clínica médica, depois que a irmã mais nova de Lady Helen, Pandora, sofrera um ataque na rua. A presença de Ransom tinha sido tão silenciosa e discreta que talvez passasse despercebida, a não ser pelo fato de que sua beleza era impactante demais para ser ignorada. Ransom era moreno, tinha o rosto fino, a boca firme e bem desenhada e o nariz marcante tinha uma leve protuberância no osso, como se já tivesse sido quebrado. Os olhos eram atentos, de cílios pesados e sobrancelhas retas e grossas. Ela não conseguia se lembrar da cor. Castanhos, talvez?

Garrett o teria achado bonito, não fosse pela expressão sisuda que roubava dele o refinamento de um cavalheiro. Independentemente de quão gentis fossem seus modos, Ransom sempre passaria a impressão de ser um valentão.

– Quem o contratou dessa vez? – perguntou Garrett, girando o bastão com habilidade antes de pousá-lo no chão em posição de “ataque”. Um movimento exibicionista, ela admitiria, mas naquele momento ela sentiu necessidade de mostrar seu talento.

Um relance de satisfação cruzou a expressão de Ransom, mas o tom dele era sério.

– Ninguém.

– Então por que está aqui?

– A senhorita é a única médica em toda a Inglaterra. Seria uma pena se algo lhe acontecesse.

– Não preciso de proteção – informou Garrett. – Além do mais, não seria o senhor que eu contrataria caso precisasse.

Ransom a encarou com expressão indecifrável antes de ir até o soldado que Garrett derrubara com o bastão. Depois de usar o pé para virar o homem de frente, Ransom pegou um pedaço de corda no bolso do colete e amarrou as mãos do sujeito atrás das costas.

– Como o senhor acabou de ver – continuou Garrett –, não foi difícil derrubar esse camarada, e teria feito o mesmo com o que sobrou. Sozinha.

– Não, não teria – disse ele de forma categórica.

Garrett ferveu de raiva.

– Fui treinada na arte da luta com bastão por um dos melhores *mâitre d'armes* de Londres. Sou capaz de derrubar múltiplos oponentes.

– A senhorita cometeu um erro – falou Ransom.

– Que erro?

Quando Ransom estendeu a mão para a faca baioneta, Garrett a entregou com relutância. Ele guardou a faca na bainha, do próprio cinto enquanto respondia:

– Depois de derrubar a faca da mão dele, a senhorita deveria ter chutado a arma para longe. Em vez disso, deu as costas ao oponente quando se abaixou para pegá-la. Teria sido atacada se eu não estivesse aqui para ajudar.

– Ransom olhou para os dois soldados ensanguentados, que agora gemiam e se contorciam, e se dirigiu a eles quase com prazer. – Se algum de vocês

se mexer, vou castrá-los e depois jogar suas bolas no Fleet Ditch. – O tom casual tornou a ameaça ainda mais assustadora.

Os soldados ficaram imóveis.

Ransom voltou outra vez sua atenção para Garrett.

– Lutar na academia de um mestre de esgrima não é o mesmo que lutar na rua. Tipos como esses – disse, lançando um olhar de desdém para os homens na calçada – não farão a gentileza de atacar a senhorita um de cada vez. Atacarão todos juntos. Assim que um deles tivesse agarrado você, o bastão teria sido inútil.

– De forma alguma – informou Garrett, determinada. – Eu teria derrubado qualquer um deles com um golpe certo com a ponta.

Ransom se aproximou mais e parou a curta distância, examinando Garrett de cima a baixo. Embora tenha se mantido firme, os instintos dela ficaram em alerta. Não tinha muita certeza do que achava de Ethan Ransom, que parecia ao mesmo tempo um pouco mais humano do que o normal... e também um pouco menos. Um homem com a constituição de uma arma, de ossos e músculos longos e movimentos fluidos. Mesmo parado, ele transmitia uma sensação explosiva de poder.

– Mostre como teria feito – sugeriu ele, em um tom suave, os olhos fixos nos dela.

Garrett o encarou, surpresa.

– Quer que eu o acerte com o bastão? É isso?

Ransom assentiu brevemente.

– Não quero machucar você – disse ela, ainda hesitante.

– A senhorita não vai me...

Garrett o surpreendeu com uma arremetida agressiva.

Por mais rápido que tenha sido o ataque, a reação de Ransom foi como um raio. Ele virou de lado e driblou o bastão, de modo que a ponta mal tocou em sua costela. Ransom segurou o bastão pelo meio e alavancou a investida de Garrett para si com um puxão forte, que a tirou do chão. Ela ficou surpresa ao sentir aqueles braços a enlaçando ao mesmo tempo em que a obrigavam a soltar o bastão. E, com a maior facilidade do mundo, estava feito, como se desarmar um oponente fosse brincadeira de criança.

Ofegante e furiosa, Garrett se viu firmemente presa junto ao corpo dele, seus músculos e ossos tão sólidos como um muro. Ela estava completamente subjugada.

Talvez a intensidade da própria pulsação fosse responsável pela estranha sensação que percorria Garrett, uma calma que silenciou seus pensamentos e encobriu toda a consciência da cena ao redor deles. O mundo desapareceu, e havia apenas o homem às costas dela, seus braços incrivelmente fortes envolvendo-a. Ela fechou os olhos, consciente apenas do leve aroma de limão no hálito dele, do movimento cadenciado do torso e do pulsar frenético do próprio coração, é claro.

O encanto foi quebrado quando o som de uma risadinha percorreu suavemente a coluna de Garrett. Ela tentou se desvencilhar.

– Não ria de mim – disse ela com determinação.

Ransom a soltou com cuidado, certificando-se de que Garrett estava firme antes de lhe devolver o bastão.

– Eu não estava rindo da senhorita. Só gostei do fato de ter me atacado de guarda baixa.

Ele levantou as mãos em um gesto de rendição, com certa alegria no olhar.

Garrett abaixou lentamente o bastão, o rosto ardendo e vermelho como uma papoula. Ainda conseguia sentir os braços de Ransom, como se a sensação estivesse gravada na pele.

Ele enfiou a mão dentro do colete e tirou um pequeno apito prateado e tubular. Assoprou três vezes, emitindo um som agudo.

Garrett deduziu que ele estava chamando algum policial em patrulha.

– O senhor não usa matraca? – perguntou ela.

O pai de Garrett, que patrulhava a área de King's Cross, sempre carregara um dos pesados chocalhos de madeira oficiais. Para soar o alarme, o policial sacudia o chocalho pelo cabo até as lâminas de madeira emitirem um som alto de palmas.

Ransom balançou a cabeça.

– É incômoda demais de carregar. Precisei devolver a minha quando saí da polícia.

– O senhor não está mais na polícia metropolitana? – perguntou Garrett. – Está trabalhando para quem?

– Não estou trabalhando oficialmente.

– Mas ainda presta algum tipo de serviço para o governo?

– Sim.

– Como investigador?

Ransom hesitou por um longo momento antes de responder.

– Às vezes.

Garrett estreitou os olhos, tentando imaginar que tipo de coisa ele poderia fazer para o governo que não poderia ser feita pela polícia regular.

– Mas são atividades legalizadas?

O sorriso dele cintilou brevemente na escuridão.

– Nem sempre – admitiu.

Os dois se viraram quando um policial usando túnica e calça azul veio correndo pela rua com uma lanterna na mão.

– Olá – disse o homem, aproximando-se. Agente Hubble. O senhor deu o alarme?

– Sim – confirmou Ransom.

O policial, um homem corpulento, cujo nariz rombudo e bochechas rosadas transpiravam com o esforço da corrida, encarou Ransom fixamente por baixo da aba do capacete.

– Seu nome?

– Ethan Ransom – respondeu ele com tranquilidade –, já fui da divisão K.

Os olhos do policial se arregalaram.

– Ouvi falar do senhor. Boa noite.

O homem assumiu um tom de deferência na mesma hora. Na verdade, sua postura se tornou claramente submissa, de cabeça baixa.

Ransom indicou os homens no chão com um gesto.

– Encontrei esses três soldados bêbados em flagrante quando tentavam agredir e roubar a dama, depois de ameaçá-la com isso.

Ele estendeu a faca baioneta para o policial.

– Por Deus – exclamou Hubble, fitando com desprezo os homens no chão. – E soldados ainda por cima, que vergonha. A dama sofreu algum dano?

– Não – falou Ransom. – Na verdade, a Dra. Gibson teve a presença de espírito de enfrentar dois deles com seu bastão.

– Doutora? – Visivelmente fascinado, o policial encarou Garrett. – A senhorita é a mulher médica? A que saiu nos jornais?

Garrett assentiu e se preparou. As pessoas raramente reagiam bem à ideia de uma mulher exercendo a profissão.

O homem continuou a encará-la e balançou a cabeça, ainda mais fascinado.

– Não esperava que ela fosse tão jovem – comentou dirigindo-se a Ransom, antes de voltar a Garrett. – Peço que me perdoe, senhorita... mas por

que médica? A senhorita não é feia. Sei de pelo menos dois camaradas lá na divisão que estariam dispostos a se casar com a senhorita. – Ele fez uma pausa. – Quer dizer, se souber cozinhar e costurar um pouco.

Garrett ficou irritada ao ver que Ransom estava se esforçando para conter um sorriso.

– Sinto informar que só sei dar pontos cirúrgicos – retrucou ela.

O soldado maior caído no chão, que havia apoiado o corpo nos cotovelos, falou em uma voz rouca e zombeteira:

– Não faz sentido uma mulher médica. Posso apostar que há algo escondido embaixo dessas saias.

Ransom estreitou os olhos, qualquer traço de bom humor desaparecendo na mesma hora.

– O que acha da minha bota bem na sua cabeça? – perguntou, adiantando-se na direção do soldado.

– Sr. Ransom – disse Garrett, em tom enfático. – É covardia atacar um homem caído no chão.

O investigador parou na mesma hora e lançou um olhar sinistro para ela, por cima do ombro.

– Considerando o que esse homem pretendia fazer com a senhorita, ele tem sorte de estar respirando.

Garrett achou extremamente interessante detectar um leve sotaque irlandês nas últimas palavras.

– Olá! – chamou outro policial que se aproximava. – Ouvi o apito.

Enquanto Ransom se dirigia ao recém-chegado, Garrett pegou sua valise.

– Acho que o ferimento no rosto dele precisa de pontos – disse para o agente Hubble.

– Não chegue perto de mim, sua demônia – exclamou o soldado.

Hubble o encarou com severidade.

– Cale a boca senão vou fazer um buraco no outro lado da sua cara.

Garrett então se lembrou do bisturi caído no chão e pediu:

– Policial, pode levantar um pouco mais a lanterna para iluminar a rua? Preciso encontrar o bisturi que atirei nesse homem mais cedo. – Ela parou quando um pensamento alarmante lhe ocorreu. – Talvez ainda esteja com ele.

– Não está – disse Ransom, interrompendo por um segundo sua conversa com o outro policial. – Está comigo.

Dois pensamentos ocorreram a Garrett. Primeiro, como Ransom conseguiu escutar o que ela disse enquanto conversava a alguns metros de distância? E, segundo...

– Você pegou o bisturi enquanto lutavam? Foi exatamente o que você me disse para nunca fazer!

– Eu não sigo as regras – limitou-se a dizer antes de voltar a falar com o outro agente.

A arrogância tão tranquila chocou e irritou Garrett, que se afastou alguns metros com o policial Hubble e perguntou em um sussurro:

– O que sabe sobre esse homem? Quem é ele?

– O Sr. Ransom? – O policial manteve a voz muito baixa. – Ele foi criado aqui mesmo, em Clerkenwell. Conhece cada centímetro da cidade, manda e desmanda por aí. Alguns anos atrás ele se candidatou para a polícia e foi designado para uma patrulha na divisão K. É muito bom de briga, destemido e, por isso, se ofereceu para patrulhar os distritos mais perigosos, onde muitos policiais não ousariam colocar os pés. Dizem que ele foi atraído desde o início para o posto de investigador porque tem mente ágil, olho bom para detalhes estranhos. Então, depois do turno da noite na patrulha, ele ia até os arquivos da divisão e selecionava casos não resolvidos. Ransom solucionou um assassinato que havia anos desafiava os sargentos investigadores, inocentou um criado acusado de um roubo de joias e recuperou um quadro roubado.

– Em outras palavras – murmurou Garrett –, ele estava trabalhando fora do seu nível hierárquico.

Hubble assentiu.

– O superintendente da divisão até pensou em denunciá-lo por má conduta, mas, em vez disso, acabou recomendando a promoção de Ransom de policial de quarta classe para investigador.

Garrett arregalou os olhos e sussurrou:

– Está me dizendo que ele subiu *cinco níveis* na carreira no primeiro ano de corporação?

– Não, nos primeiros seis meses. Mas ele deixou a polícia antes que pudessem aplicar o exame de promoção. Foi recrutado por Sir Jasper Jenkyn.

– Quem é esse?

– Um oficial de alto escalão do Ministério do Interior. – Hubble fez uma pausa, parecendo desconfortável. – Bem, isso é tudo o que eu sei.

Garrett se virou para olhar a silhueta de ombros largos de Ransom, delineada pela luz de um lampião. Estava em uma pose relaxada, as mãos enfiadas negligentemente nos bolsos. Mas não deixou de notar a rápida virada de cabeça, monitorando os arredores mesmo enquanto conversava. Nada escapava a Ransom, nem o rato que fugia perto do fim da rua.

– Sr. Ransom – chamou Garrett.

Ele interrompeu a conversa e se virou para encará-la.

– Sim, doutora?

– Vou precisar depor sobre o que aconteceu?

– Não. – O olhar de Ransom desviou do rosto de Garrett para o do policial Hubble. – É melhor para todos os envolvidos que a sua privacidade, e a minha, sejam protegidas se dermos ao agente Hubble o crédito por apreender esses homens.

Hubble começou a protestar.

– Senhor, eu não poderia aceitar o crédito por sua bravura.

– Ei, a bravura foi minha também. – Garrett não conseguiu impedir o comentário ácido. – Quem derrubou o sujeito com a faca fui eu.

Ransom foi até ela.

– Vamos deixar o crédito para ele, doutora – pediu em voz baixa e persuasiva. – Ele será condecorado e ainda receberá uma recompensa em dinheiro. Não é fácil viver com o salário de policial.

Como estava bem ciente de tais limitações, Garrett murmurou.

– Certo.

Ransom deu um meio-sorriso.

– Vamos deixar que cuidem do assunto enquanto eu a acompanho até a rua principal, certo?

– Obrigada, mas não preciso de acompanhante.

– Como desejar – disse Ransom prontamente, como se já esperasse a recusa. Garrett ergueu o olhar em direção a ele, desconfiada.

– Vai me seguir de qualquer modo, não é? O próprio leão emboscando o antílope desgarrado.

Um sorriso intensificou as rugas nos cantos dos olhos dele. Quando um dos policiais se aproximou com a lanterna, o fecho direto de luz revelou os longos cílios de Ransom e destacou o azul incrivelmente brilhante dos olhos em contraste com as pupilas negras.

– Só até a senhorita estar segura em um coche de aluguel – disse ele.

– Então, prefiro que caminhe ao meu lado, civilizadamente. – Ela estendeu a mão. – Meu bisturi, por favor.

Ransom enfiou a mão na bota e pegou o pequeno bisturi cintilante. Estava mais ou menos limpo.

– Um belo instrumento – comentou, examinando com admiração a lâmina de dois gumes antes de entregar o bisturi a ela com cuidado. – Afiado como o diabo. Está amolado com óleo?

– Pasta diamantada.

Depois de recolocar o bisturi no estojo, Garrett pegou a valise pesada com uma das mãos e o bastão com a outra. Ficou bastante desconcertada quando Ransom tentou pegar a valise da mão dela.

– Permita-me – murmurou ele.

Garrett recuou e segurou as alças de couro com mais força.

– Eu consigo.

– É claro que sim. Só estou me oferecendo para ser cortês com uma dama, não porque estou questionando a sua habilidade.

– O senhor faria a mesma coisa por um médico homem?

– Não.

– Então prefiro que me considere médica, em vez de dama.

– Por que precisa ser uma coisa ou outra? – perguntou Ransom, sensatamente. – A senhorita é ambas as coisas. Não vejo o menor problema em carregar a valise para uma dama e ao mesmo tempo respeitar sua competência profissional.

O tom dele era objetivo, mas alguma coisa em seu olhar irritou Garrett, uma intensidade que ia além do modo natural de se dirigir a um estranho. Diante da hesitação dela, Ransom estendeu a mão e pediu baixinho:

– Por favor.

– Obrigada, mas eu consigo.

Garrett começou a andar na direção da rua principal.

Ransom acertou o passo com o dela e enfiou as mãos no bolso.

– Onde você aprendeu a atirar facas?

– Na Sorbonne. Um grupo de alunos de medicina montou um alvo atrás do prédio do laboratório para brincar depois das aulas. – Ela fez uma pausa antes de admitir. – Nunca consegui aprender a lançar de baixo para cima.

– Um bom lançamento por cima é tudo o que precisa. Quanto tempo morou na França?

– Quatro anos e meio.

– Tão jovem, frequentando a melhor escola de medicina do mundo – disse Ransom, pensando em voz alta –, longe de casa, assistindo aulas em outro idioma... É uma mulher determinada, doutora.

– Nenhuma escola de medicina daqui aceitaria uma mulher – retrucou Garrett, de forma prática. – Eu não tinha escolha.

– Poderia ter desistido.

– Essa nunca é uma opção – garantiu Garrett, e ele sorriu.

Passaram por um prédio abandonado com uma loja fechada na frente, as janelas quebradas cobertas com papel. Ransom estendeu a mão para que Garrett desviasse de uma pilha de conchas de ostra vazias, cerâmicas quebradas e do que pareceu ser um conjunto de foles podres. Por reflexo, ela se desvencilhou da leve pressão da mão dele em seu braço.

– Não precisa ter medo de mim – disse Ransom. – Eu só ia ajudá-la a atravessar a rua.

– Não é medo – disse Garrett com certa hesitação, antes de acrescentar com um toque de timidez. – Mas acho que meu hábito de independência está arraigado demais. – Continuaram pela calçada, mas não sem que Garrett percebesse o breve e melancólico olhar de Ransom para a valise. Garrett deu uma risadinha. – Vou deixar o senhor carregar por mim se começar a usar seu sotaque verdadeiro.

Ransom parou e olhou para ela com um relance de surpresa, um vinco surgindo entre as sobrancelhas escuras.

– Como deixei escapar?

– Quando ameaçou um dos soldados. E também o modo como tocou na boina... mais demoradamente do que os ingleses.

– Meus pais são irlandeses, mas fui criado aqui, em Clerkenwell – disse Ransom sem rodeios. – Não tenho vergonha disso, mas às vezes o sotaque é uma desvantagem.

Ele estendeu a mão e esperou que Garrett lhe entregasse a valise. Então um sorriso se insinuou, e a voz tornou-se ressonante e profunda ao falar em um sotaque irlandês que parecia cozido a fogo lento.

– E então, menina, o que quer que eu fale agora?

O efeito da frase a pegou de surpresa e a pontada de nervosismo na boca do estômago atrasou um pouco a resposta.

– Íntimo demais, Sr. Ransom.

O sorriso se demorou nos lábios dele.

– Ah, mas esse é o preço. Para ouvir o sotaque irlandês, vai ter que aguentar um pouco do jeito meloso.

– “Meloso”?

Desconcertada, Garrett voltou a caminhar.

– Fruto do charme e beleza da senhorita.

– Creio que isso se chama bajulação – disse ela com rispidez. – Peça que me poupe.

– Que mulher esperta e vivaz, hein? – continuou Ransom, como se não a tivesse escutado. – E para completar tenho um fraco por olhos verdes...

– E eu tenho um bastão – lembrou Garrett, profundamente irritada com a zombaria.

– A senhorita não conseguiria me machucar com isso.

– Talvez não.

Garrett segurou o bastão com mais força ainda e, no instante seguinte, deu um golpe horizontal, fraco demais para causar algum dano mais sério, mas o suficiente para dar uma lição dolorosa.

Só que, para ultraje de Garrett, foi *ela* que recebeu a lição. O golpe foi bloqueado com destreza pela própria valise, e mais uma vez o bastão foi arrancado de sua mão. A valise caiu com um estrondo, e tudo que estava dentro chacoalhou. Antes que Garrett tivesse tempo de reagir, estava mais uma vez colada em Ransom, mas dessa vez com o bastão contra o pescoço.

E então a voz sedutora, quente como uísque, soou em seu ouvido:

– Você não sabe disfarçar seus movimentos, querida. Mau hábito...

– Me solte.

Sem ar, ultrajada e impotente, Garrett se debatia, mas Ransom não afrouxou o aperto.

– Vire a cabeça.

– O quê?

– Para aliviar a pressão contra a traqueia, e aí você segura o bastão com a mão direita.

Paralisada, Garrett finalmente se deu conta de que ele estava explicando como se soltar. Ela obedeceu lentamente.

– Coloque a mão por dentro para proteger o pescoço – orientou Ransom, aguardando o movimento. – *Aye*, isso mesmo. Agora, puxe a ponta do bas-

tão para baixo e use o cotovelo esquerdo para me acertar nas costelas. De leve, por favor. – Feito isso, ele se inclinou e dobrou o corpo para frente. – Ótimo. Agora pegue o bastão com as duas mãos... mais espaçadas... agora gire o bastão rapidamente enquanto passa por baixo do meu braço.

Garrett seguiu as instruções e então, quase que por milagre, estava livre. Ela se virou para encará-lo, fascinada e perplexa. Não sabia se agradecia ou lhe dava uma pancada na cabeça com o bastão.

Com um sorriso afável, Ransom se abaixou para pegar a valise. E ainda teve a coragem de lhe oferecer o braço, como se os dois fossem um casal muito pacato passeando pelo Hyde Park. Ela ignorou o gesto e voltou a caminhar.

– Asfixia pela frente é um dos ataques mais comuns a mulheres – explicou Ransom. – O segundo é um mata-leão por trás. E o terceiro é agarrá-la por trás e levantá-la do chão. Seu mestre de esgrima não a ensinou a se defender com as mãos livres?

– Não. Não tivemos aula de combate corpo a corpo.

– Por que Winterborne não cede um coche para as suas saídas? Sei que ele não é mesquinho, costuma tomar conta dos seus.

Garrett franziu a testa à menção de Winterborne, o dono de uma loja de departamentos de quase mil funcionários que abrira uma clínica para atendê-los. Rhys Winterborne havia contratado Garrett quando quase mais ninguém se dispusera a dar a ela uma oportunidade, e por isso a lealdade de Garret era irrestrita.

– O Sr. Winterborne me ofereceu sua carruagem particular – admitiu Garrett. – Só que não quero causar mais incômodo a ele e, além do mais, fui treinada na arte da defesa pessoal.

– A senhorita é confiante demais, doutora. O que sabe é apenas o bastante para que represente perigo para si mesma, sabia? Mas existem táticas simples que poderiam ajudá-la a escapar de um ataque, táticas que eu mesmo poderia ensinar em uma tarde.

Eles dobraram uma esquina e chegaram à rua principal. Pessoas maltrapilhas se aglomeravam em batentes de portas e degraus, e pedestres vestidos dos mais diferentes modos seguiam pela calçada. Cavalos, carroças e carruagens iam e vinham por cima dos trilhos instalados ao longo da rua. Garrett parou junto ao meio-fio, olhou para o final da rua e esperou por um coche de aluguel.

Aproveitou o momento para considerar as palavras de Ransom. Era visí-

vel que o homem sabia mais sobre briga de rua do que o mestre de esgrima dela. Sua manobras com o bastão tinham sido bem impressionantes. Então, se por um lado Garrett tinha vontade de mandá-lo para o inferno, por outro estava bastante intrigada.

Apesar de toda a baboseira de “jeito meloso”, Garrett tinha certeza de que o investigador não estava interessado nela, o que lhe convinha perfeitamente. Ela não queria que um relacionamento viesse a interferir em sua carreira. Sim, houvera alguns flertes pouco importantes aqui e ali... um beijo roubado com um belo colega de medicina na Sorbonne... um flerte inofensivo com um cavalheiro em um baile... mas ela havia propositalmente evitado todos que pudessem ser uma tentação real. E qualquer envolvimento com aquele irlandês insolente só traria problemas.

No entanto, Garrett queria aprender as técnicas de briga de rua.

– Se eu concordar em fazer algumas aulas com você, prometeria parar de me seguir nas rondas de terça-feira? – perguntou ela.

– Claro – disse Ransom com tranquilidade.

Fácil demais.

Desconfiada, Garrett o encarou.

– O senhor é um homem confiável, Sr. Ransom?

Ele deu uma risada baixa.

– Em relação ao meu trabalho?

Ransom olhou por cima do ombro ao perceber que um coche de aluguel se aproximava e fez sinal para que parasse. Seu olhar, então, voltou-se para Garrett, com intensidade.

– Juro por minha mãe morta: a senhorita não precisa ter medo de mim. O coche parou chacoalhando ao lado deles.

Abruptamente, Garrett tomou uma decisão.

– Muito bem. Amanhã, às quatro da tarde, no clube de esgrima de Baujart.

Observando Garrett subir na plataforma do coche, os olhos de Ransom cintilavam de satisfação. Com a facilidade de uma vasta experiência, ela passou por baixo das rédeas e acomodou-se no assento do passageiro.

Ele entregou a valise e gritou para o cocheiro.

– Cuidado para não empurrar a dama, certo?

E antes que ela pudesse argumentar, Ransom subiu no estribo e entregou algumas moedas ao cocheiro.

– Eu mesma posso pagar – protestou Garrett.

Ransom manteve seus olhos de um azul intenso fixos nos dela. Então estendeu a mão e pressionou alguma coisa na de Garrett.

– Um presente – murmurou. E desceu do trole com facilidade. – Até amanhã, doutora.

Ransom tocou a aba do chapéu e prolongou o gesto, em seu modo característico, até o veículo se afastar.

Garrett sentiu-se um pouco zozna ao ver do que se tratava o objeto em sua mão: o apito de prata, ainda quente do calor do corpo dele.

Que ousadia, pensou. Mas deixou que os dedos delicadamente envolvessem a lembrança.

CAPÍTULO 2

Antes de seguir para seu apartamento, na Half Moon Street, Ethan tinha mais um compromisso. Pegou um coche de aluguel até a Cork Street, que era quase inteiramente ocupada pela Winterborne's, a famosa loja de departamentos.

Ethan tinha feito alguns poucos trabalhos particulares para o proprietário da loja, Rhys Winterborne. Tinham sido coisas rápidas e fáceis, que mal tinham valido seu tempo, mas só um tolo recusaria um pedido de um homem tão poderoso. Um desses trabalhos envolvera seguir a então noiva de Winterborne, Lady Helen Ravenel, quando ela e uma amiga foram visitar um orfanato em uma área perigosa perto das docas.

Aquilo fora dois anos antes, quando Ethan vira a Dra. Garrett Gibson pela primeira vez.

E agora aquela mulher esguia, de cabelos castanhos, derrubara um agressor duas vezes maior do que ela com golpes precisos de bastão. Ethan estava fascinado com essa atitude, como se Garrett tivesse realizado uma tarefa tão corriqueira quanto levar o lixo para fora.

Ele se surpreendera ao se dar conta de que a Dra. Gibson tinha o rosto muito jovem, a pele limpa e suave como uma barra de sabão de coco. As ma-

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

Os HATHAWAYS

Desejo à meia-noite
Sedução ao amanhecer
Tentação ao pôr do sol
Manhã de núpcias
Paixão ao entardecer
Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão
Era uma vez no outono
Pecados no inverno
Escândalos na primavera
Uma noite inesquecível

Os RAVENELS

Um sedutor sem coração
Uma noiva para Winterborne
Um acordo pecaminoso
Um estranho irresistível

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

